

**EXOTISMOS EM CONFRONTO?
CORPORALIDADE, GÊNERO E NACIONALIDADE NO MARCO DA INDÚSTRIA
TRANSNACIONAL DO SEXO**

Adriana Piscitelli

Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/UNICAMP

e-mail: pisci@uol.com.br

RESUMO

Tomando como referência a integração de brasileiras no mercado do sexo espanhol, neste texto analiso como corporalidade e gênero se integram na intensa concorrência que têm lugar na indústria transnacional do sexo contemporânea. Traço, primeiro, as trajetórias dessas mulheres, considerando as implicações culturais, políticas e econômicas dessa modalidade de migração. Criando uma perspectiva comparativa a partir da consideração das conceitualizações acionadas nos relacionamentos entre estrangeiros e brasileiras no marco da indústria do sexo no Brasil, considero, depois, o significado da alteração de contextos para a articulação das diferenciações permeando as interações das brasileiras que se inserem no mercado do sexo espanhol. Essa questão é elucidada explorando como as construções de gênero, nacionalidade/etnicidade, "raça", classe e idade são acionadas nas interações comerciais estabelecidas por essas migrantes.

INTRODUÇÃO: CONSUMO ERÓTICO E TRANSNACIONALIDADE

Na Vila Olímpica, frente à marina cheia de barquinhos há um calçadão comprido, com uma sucessão de bares, restaurantes, discos, um café. Enfrentamos a multidão do sábado à noite: "guiris" (estrangeiros, me explicam, sobretudo ingleses, mas também de outros países, que vêm passar o final de semana com passagens baratas, para embebedar-se e fazer sexo), ciganos (minha acompanhante, uma estudante brasileira, assinala alguns afirmando que eles costumam vender drogas, mas que são as mulheres as que roubam: "pedem uma moeda e quando você viu já te roubaram") e migrantes, principalmente da América do Sul. Chegamos, finalmente, aos bares brasileiros (na verdade são "discos"), freqüentados por garotas brasileiras que fazem programas. Um deles está vazio. O outro, lotado. Na entrada, há um coqueiro feito de luzes, verdes, amarelas. É mais amplo que o anterior e tem plataformas elevadas em relação a uma pista de dança. Quando entramos, na plataforma principal há dois homens jovens dançando, de torso desnudo, as calças cortadas, retalhadas. Um par de garotas que parecem ser brasileiras, vestidas de saia jeans e camiseta, dançam na pista, ao lado da plataforma. Evidentemente, são amigas dos dançarinos. O público é diversificado. Há algumas espanholas quarentonas e cinquentonas; há guiris, inclusive um em cadeira de rodas. O ambiente é pesado e um pouco assustador. Guiris bêbados riem e falam muito alto. As pessoas pegam as bebidas na barra, mas é possível entrar, olhar e, como nós fizemos, não consumir nada. Uma garota, quase mulata, de pele cor de chocolate, curvas acentuadas, cabelo enorme, saltos bem altos e brancos, mini saia de jeans muito justa e top, sobe na plataforma para dançar, rebolando com bastante graça, com movimentos erotizados. Minha acompanhante acha que ela é brasileira. Mas, quando desce, a menina explica que é espanhola, filha de uma cubana. Olho para ela e penso que,

levando em conta a aparência e a dança, é muito parecida a alguma brasileira de coxas grossas. Em um canto, em outra plataforma elevada, uma garota loura, corpo retilíneo, pele muito branca e cabelos compridos, com mini-saia, também dança. Seu aspecto sugere que é do Leste Europeu. Os movimentos dela são diferentes, mexe os ombros, mas quase não rebola as cadeiras, enrosca-se em um pau de metal, subindo e descendo, como nos shows de strip-tease, mas sem tirar a roupa. Este bar parece atrair público utilizando, à maneira dos “clubs de alterne”, a oferta visual de mulheres de diferentes lugares do mundo, com diversos estilos de corporalidade. Não vi nenhuma nigeriana.

Diário de campo, Barcelona, 6 de novembro, 2004.

Este trecho de diário de campo, sugerindo a implementação de um apelo erótico ancorado na “diversidade” (étnica/“racial”), foi elaborado durante uma pesquisa que realizei sobre a inserção das brasileiras no mercado do sexo espanhol¹. Neste trabalho trato precisamente da construção desse estilo de erotização, explorando como gênero e corporalidade se integram na “concorrência” entre estilos corporais que têm lugar no mercado transnacional do sexo contemporâneo. E esclareço que utilizo aqui o termo transnacional² referindo-me ao processo de atravessar as fronteiras para consumir e para oferecer serviços sexuais. Tomando como referência a inserção de trabalhadoras do sexo brasileiras na Espanha, analiso o jogo de relações que operam na produção de configurações corporais nesse mercado e no valor por elas adquirido.

Nas discussões sócio-antropológicas, os intensos fluxos de pessoas e imagens que caracterizam os processos culturais contemporâneos (Appadurai, 1996) são considerados aspectos centrais na intensificação do desejo de consumo de Outros corpos (Altman 2001). Nessa produção, a vinculação entre certas regiões pobres do mundo e a prostituição é relacionada às viagens dos turistas sexuais aos países do “Terceiro Mundo”; à Internet (tida como espaço privilegiado para a criação e difusão de imagens sexualizadas e racializadas desses lugares) e à migração de mulheres do Sul para trabalharem em *night clubs* e bordéis em todo o mundo (Thorbek, 2002). Considera-se que na “nova ordem global”, na qual as marcas de gênero se expressam em representações cada vez mais sutis informando a re-criação de desigualdades em escala mundial, a difusão dessas imagens e a ampliação na mobilidade estimulam e facilitam o consumo da Alteridade em qualquer lugar do mundo. De acordo com essa literatura, nesse processo as (antigas) vinculações

¹ A realização dessa pesquisa foi viabilizada pelo apoio da Fapesp ao projeto temático “Gênero, corporalidades”, ao qual está vinculada, e pelo apoio a estágio pós-doutoral na Universidad Autônoma de Barcelona concedido pela CAPES.

² O termo transnacional é utilizado de maneiras diversas entre as abordagens feministas. À idéia geral é que a noção alude a laços, vínculos, conexões entre grupos para além das fronteiras nacionais (que não privilegiam o papel do Estado) (Ata Aidoo et alii, 2000). Mas, se em algumas aproximações a noção se refere basicamente à maneira como os migrantes criam e sustentam relações sociais, econômicas e culturais entre o lar e o contexto de migração (Phizacklea 2203: 33), outras afirmam que compreender as conexões transnacionais exige olhar para além da interação entre países de origem e destinação, considerando redes migratórias mais amplas (Anthias e Lazaridis, 2000: 12). Nessa perspectiva se inserem autoras que consideram os processos transnacionais como processos de atravessar fronteiras nas quais os migrantes estabelecem relações complexas com deferentes locais e formam comunidades novas e diferentes. Isto inclui redes de migrantes e laços sociais, simbólicos e materiais entre *homeland*, destinação e relações entre destinações. Nesta abordagem, o transnacionalismo conecta diversos espaços nacionais (Anthias 2000:22).

entre erotismo e exotismo (Leclerc, 1973) adquirem novos conteúdos (Savigliano, 1995; Alexander, 1994; Kempadoo, 1999).

O debate brasileiro sobre a integração do Brasil no mercado transnacional do sexo mostra relações com essas idéias, particularmente no que se refere à relevância da circulação através das fronteiras de imagens associadas às brasileiras. Essas discussões estão permeadas pela idéia de que uma certa construção da feminilidade nacional, intensamente sexualizada e marcada pela “cor” é um aspecto central na dinâmica do turismo sexual internacional, da prostituição de brasileiras no exterior e do tráfico internacional de mulheres. O suposto é que essa construção, originada nas imagens de mulatas e negras historicamente produzidas no Brasil e difundidas no exterior (Dias Filho, 1998) marcando, em termos gerais, às brasileiras, está vinculada a uma elevada demanda de mulheres do país no mercado transnacional do sexo (CECRIA, 2000). Nos termos registrados no projeto sobre tráfico internacional de mulheres, crianças e adolescentes elaborado pelo CECRIA (2000, 9):

Com relação às mulheres brasileiras... a graciosidade e a subalternidade são menos destacadas, dando lugar a uma representação da sexualidade (em combinação com a natureza e os ritmos tropicais) enquanto erotismo explosivo. É o clima tropical, ao lado da generosa paisagem, que fornecem o quadro de fundo para a representação da mulher como “picante”, sedutora e aventureira, enfim como uma “Sexbomb”. Via de regra as mulheres brasileiras são estilizadas como mulatas ou negras, com corpos provocantes e dourados pelo sol, imersas em permanente transe carnal...

Paralelamente, estudos sobre a circulação de imagens corporais de brasileiros/as através das fronteiras apresentam um quadro mais complexo, sugerindo que essas imagens tendem a ser erotizadas em procedimentos que constroem uma peculiar noção do exótico através de uma sexualização e racialização vinculadas à idéia de nacionalidade, mas não necessariamente às “cores” de pele escuras (Pontes, 2004; Piscitelli, 2004).³ E a operação desse jogo de categorias parece estar presente na produção de imagens corporais associadas a qualquer brasileira, inserida ou não no mercado do sexo.

De acordo com esses estudos, essas imagens estão longe de simplesmente reiterar aquelas, também sexualizadas e racializadas, presentes no Brasil, que têm sido utilizadas para difundir o país no exterior, inclusive em propagandas oficiais, até poucos anos atrás (Emrich Pinto, 2005). No país, o procedimento de sexualização-racialização, atravessado por gênero, atingindo, sobretudo, mulheres de pele considerada mais escura, aparece vinculado a imagens constituídas a partir de certos traços fenotípicos, tais como os que constituem a figura da mulata (Corrêa, 1996), em jogos acionados contextual e situacionalmente (Fry, 1996) levando em conta, inclusive, diferenças de classe e regionais (Emrich Pinto, 2005). No âmbito transnacional, esse procedimento aparece de uma maneira diferente, ligado, sobretudo, à produção de uma idéia de nacionalidade (brasileira), igualmente atravessada por gênero, racializada e sexualizada, mas

³ Essas imagens circulariam em diversos países europeus. Em Portugal, a participação de brasileiras na oferta de serviços sexuais vêm suscitando reações públicas e atenção internacional. A organização das “mães de Bragança” posicionando-se publicamente contra a presença de trabalhadoras do sexo brasileiras nessa cidade portuguesa, noticiada no *New York Times* (Pontes, 2004) ilustra este ponto.

desvinculada de traços fenotípicos associados às cores mais escuras, assim como de relações com classe social e região. E um exemplo significativo é oferecido pela imagem do Brasil corporificada por uma “loura burra” sexualizada e exotizada exibida na mídia portuguesa, descrita por Pontes (2004).

Sem negar a existência dessas imagens, neste texto argumento que compreender suas relações com a inserção das brasileiras no mercado transnacional do sexo exige prestar séria atenção aos contextos nos quais as convenções eróticas se materializam. Nos processos de deslocamento de pessoas consumindo ou oferecendo serviços sexuais, imagens corporais, escolhas e práticas sexuais (a materialidade simbólica envolvida nesse tipo de mercado) apresentam aspectos diversificados. Essa materialidade assume traços particulares em diferentes espaços de interação, no Brasil e no exterior. Esses traços são delineados em relação à localização geopolítica dos agentes e também em relação ao seu posicionamento em termos do mercado sexual no país em questão e dos segmentos nele ocupados. Portanto, pensar nas conotações assumidas pelas vinculações entre exotismo e erotismo na transnacionalização do mercado sexual e considerar as implicações dessas relações na produção de identidades e nas interações sociais requer compreender as particularidades das convenções que, nesses contextos, permeiam as interações entre consumidores e “vendedores-as”.

Desenvolvo esse argumento considerando aspectos da inserção de brasileiras que migraram a Espanha com o objetivo de inserir-se no mercado do sexo, nesse país⁴. A análise desses aspectos está baseada em uma pesquisa exploratória, realizada em uma perspectiva antropológica, mediante uma abordagem qualitativa, entre outubro e dezembro de 2004⁵. Traço, primeiro, as trajetórias dessas mulheres, considerando as implicações culturais, políticas e econômicas dessa modalidade de migração. Criando uma perspectiva comparativa a partir das conceitualizações acionadas nos relacionamentos entre estrangeiros e brasileiras no marco da indústria do sexo no Brasil, indago-me, depois, sobre o significado da alteração de contextos para a articulação das diferenciações permeando os encontros com consumidores de sexo na Espanha. Essa questão é elucidada explorando como as construções de gênero, nacionalidade/etnicidade, “raça”, classe e idade são acionadas nas interações comerciais estabelecidas por essas migrantes.

⁴ E observo que Espanha (assim como Portugal) é um dos países da Europa que, no Brasil, suscitam maior preocupação no que se refere a este tipo de migração e é um dos que não admitem um número mais elevado de brasileiras (Secretaria Nacional de Justiça 2005).

⁵ O trabalho envolveu observação em entidades que oferecem serviços a trabalhadoras/es do sexo nas cidades de Barcelona, Madrid e Bilbao e em espaços destinados à oferta desses serviços (na rua e em clubes); entrevistas em profundidade realizadas com (9) agentes vinculados a entidades que auxiliam trabalhadoras/es do sexo, à indústria do sexo e ao trabalho com migrantes ilegais; com mulheres e “trans” (9) (neste universo, “trans” é um termo utilizado pelos agentes vinculados ao trabalho sexual para referir-se ao conjunto de pessoas que se considera travesti, transexual ou transgênero) que têm oferecido serviços sexuais nessas cidades, entrevistas de controle com (2) brasileiras que, inseridas nas mesmas redes de relações que as anteriores, não oferecem serviços sexuais e com (2) clientes espanhóis. Além disso, o trabalho envolveu a análise de fontes e de material secundário, dados estatísticos sobre migração, pesquisas acadêmicas e relatórios sobre prostituição.

BRASILEIRAS NO MERCADO DO SEXO ESPANHOL

Considerar as trajetórias das entrevistadas brasileiras inseridas no mercado do sexo na Espanha exige situá-las no marco da organização da indústria do sexo nesse país. De acordo com estudos sobre a temática, as modalidades dessa atividade se integram basicamente, em três grupos, de acordo com os locais nos quais são oferecidos serviços sexuais: em *pisos* (apartamentos), em clubes e na rua (Pons, 2003; Colectivo IOÉ, 2002).

Cada uma dessas modalidades apresenta diversas nuances. Programas acertados durante o dia e o início da noite, na rua, nas cidades, podem ser realizados em *mueblés* e, nas madrugadas dentro de carros ou em lugares afastados. Os *pisos* divergem em sua organização, na população que neles trabalha (alguns são ocupados exclusivamente por mulheres, outros são divididos por mulheres e “trans”), e no “nível” de prostituição, expressado nos valores dos serviços. E, entre os *clubs*, há uma ampla diversidade em cujos pólos estariam os estabelecimentos “tradicionais”, clubes privados de cidade, cujo lucro provém da venda de bebidas e/ou de receber um percentual dos serviços prestados, espaços que contam com bar, pista de dança e nos quais as mulheres circulam, saindo deles ou entrando em “reservados”, clubes de estrada tradicionais e os novos *hotéis-plaza*. Nestes últimos, que podem ser ocupados por até 100 mulheres, as trabalhadoras do sexo ocupam vagas por períodos de 21 dias (Pons, 2003), e o lucro dos proprietários reside no valor que é cobrado delas pela utilização do hotel e a alimentação (em 2004, essa diária estava em torno de 40/50 euros diários; para ter uma referência, o valor dos serviços prestados durante meia hora nesses clubes era aproximadamente 60 euros, enquanto pelo mesmo período de tempo, na rua, era aproximadamente 30 euros).⁶

As entidades que atendem trabalhadoras/es do sexo consideram que na Espanha, do mesmo modo que em outros países da Europa (Piscitelli, 2004), o perfil da prostituição mudou ao longo da década de 1990, sendo hoje desempenhada, sobretudo, por estrangeiras. A partir de finais dos anos 90, entre 80 e 90% das mulheres que exercem a prostituição seriam estrangeiras e, em algumas regiões, como o país Basco, a maioria seria latino-americana (Emakunde, 2002). No entanto, é importante registrar que a alteração na nacionalidade das prestadoras de serviços sexuais é considerada análoga à modificação entre prestadores de serviços em outros setores: serviços domésticos, pesca e agricultura.

⁶ No que se refere à prostituição, a legislação espanhola, assim como a brasileira, é abolicionista, no sentido em que se persegue o proxenetismo, individual ou coletivo, mas não a prostituição (Mestre, 2004). O fato desses clubes cobrarem, à maneira de hotéis, pela hospedagem e alimentação e não um percentual dos serviços sexuais prestados possibilita que sejam desvinculados do proxenetismo e, portanto, operem legalmente. A capacidade dos clubes atraírem candidatas à ocupação de vagas é percebida pelas organizações que apóiam as/os trabalhadoras/es do sexo como em franca expansão, devido a diversos planos municipais cujo objetivo seria eliminar a prostituição de rua e a aglomeração de bares e pequenos clubes tradicionais freqüentados pelas trabalhadoras do sexo. O “Plan de Choque” de Madrid, disposições municipais exigindo o afastamento dos clubes, em Bilbao, e as multas aplicadas a prostitutas, em Barcelona, por uso indevido da via pública, são considerados expressões do interesse na extinção da prostituição de rua. E, de fato, essas medidas são positivamente avaliadas pelos empresários que participam de ANELA, a *Asociación Nacional de Clubs de Alterne*.

No que se refere à migração de brasileiras para prestar serviços sexuais na Espanha, seria inútil tentar oferecer cifras. As características da prostituição (a clandestinidade, agravada quando os prestadores de serviços são migrantes ilegais, e ampla mobilidade dos/as que prestam serviços sexuais) incidem em que as estatísticas sobre prostituição e sobre tráfico, em termos gerais, não passem de estimativas, realizadas segundo os mais diversos procedimentos, não necessariamente coincidentes entre si.⁷

Em termos de cifras relativas a migrantes legais, o *Boletim Estadístico de Extranjería y Inmigración* (nº3, 2004) informa que em junho de 2004, as mulheres brasileiras, que eram 71,07% do total de cidadãos brasileiros legalmente residindo na Espanha, totalizavam 11.153 (um número pequeno quando comparado com o de outras latino-americanas tidas como envolvidas no mercado do sexo espanhol: colombianas, 72.284 e equatorianas, 94.541). No entanto, as pesquisas sobre migrações mostram a enorme diferença entre os migrantes com permissão de residência e os *empadronados* (que registraram seu domicilio na Espanha com algum fim). No caso de cidadãos do Equador e Argentina, essa diferença supera o 200% (Terrón, 2004). Nos estudos que exploram essa diferença não há um levantamento análogo para os brasileiros, talvez porque seu número não seja tão elevado como o de outros cidadãos de países da América Latina. De acordo com a estimativa de agentes do consulado brasileiro em Barcelona, porém, só na região atendida por esse órgão há aproximadamente 10.000 brasileiros (2500 novos registros correspondem ao ano de 2004), e outros tantos seriam atendidos pelo consulado de Madrid.

Segundo esses agentes, o consulado recebe um número bastante mais elevado de solicitações de documentação de mulheres para contrair matrimônio que de homens, um aspecto que poderia sugerir que os brasileiros têm menos valor no mercado matrimonial desse país que as brasileiras, mas é também necessário considerar que, pelo menos em termos da migração legal, o número de mulheres supera bastante ao de homens. Tratar-se-ia de 5 a 6 solicitações semanais, um número equivalente, no período em que a pesquisa foi realizada, ao de deportações de brasileiras das quais o Consulado tinha notícia. Essa cifra poderia ser plausível, considerando dados elaborados pela Comisaría General de Extranjería y Documentación.⁸ De acordo com essas informações, em 2004 o total de cidadãos brasileiros que retornaram ao Brasil mediante a intervenção da polícia foi de 2342, um número muito mais elevado que o de 2003, ano em que foram 798.⁹ Mas, o sugestivo é que um dos representantes consulares vincula as deportações não só à ilegalidade, mas também à inserção no mercado do sexo. E mostra compartilhar a

⁷ Neste sentido vale reproduzir as observações de Kempadoo (1998) sobre a ampla imprecisão que perpassa a informação sobre a temática, números, renda, e rotas de tráfico. Como graves exemplos dessa imprecisão, a autora cita as cifras difundidas sobre o número de prostitutas em Bombay, na Índia, 100.000 de acordo com o Asia Watch, em 1993 ou 600.000 segundo Barry, dois anos depois. As cifras, na metade da década de 1990 para a prostituição infantil na Tailândia indicavam ora 2,500, ora 800.000, sendo igualmente imprecisas no que se refere à idade das crianças envolvidas (Kempadoo, 1998).

⁸ Registro de dados de cidadãos brasileiros gentilmente enviados, via e-mail por Extranjería, no 15/02/2005.

⁹ As categorias são: *devoluciones*, *expulsiones* e *retornos*. Essas informações, que se referem ao total de cidadãos deportados, não estão separadas por sexo..

difundida visão dos estilos de feminilidade das brasileiras, dentro e fora do país, (contrapondo-se ao de europeias) marcados por uma singular aptidão para o “amor”.

As garotas não estão na rua, estão em lugares fechados, elas são acoissadas por causa dos papéis. Elas não estão fazendo mal a ninguém. Muito pelo contrário, estão ensinando os espanhóis a amar, que nisso elas são muito boas. Você prestou atenção às espanholas? São muito machonas, muito masculinizadas. Por isso os homens daqui gostam das brasileiras.

E, se a atenção nacional e internacional tende a estar voltada para as mulheres que oferecem serviços sexuais e, eventualmente, traficadas, a informação colhida por ONGS espanholas e referendada por minha observação mostrou que há uma significativa incidência de “trans” brasileiros, alguns muito jovens, tanto em *pisos* como na rua, particularmente em espaços considerados mais “difíceis e duros”, como o Campo do Barça, em Barcelona, a Casa de Campo em Madrid.

Assim, em termos de cifras, as informações colhidas possibilitam apenas reproduzir as impressões dos agentes envolvidos¹⁰, estimativas que variam de acordo com a metodologia realizada para projetá-las, nem sempre explicitada, que se alteram regionalmente e podem mudar significativamente em períodos muito curtos.¹¹ No entanto, é importante observar que entre os diversos agentes entrevistados há um acordo significativo. As organizações que atendem trabalhadoras do sexo consideram que o número de brasileiras oferecendo serviços sexuais na rua é relativamente reduzido quando comparado com mulheres de outras nacionalidades. Elas seriam uma presença significativa em espaços fechados, sobretudo, nos clubes. Essa impressão é referendada pelo representante da ANELA (*Asociación Nacional de Clubes de Alterne*), em Barcelona. Segundo ele, nos clubes vinculados à entidade em todo o país, há aproximadamente 14.000 mulheres oferecendo serviços sexuais. Delas, 40% delas seriam do Leste europeu (russas, romenas, da antiga Iugoslávia, tchecas). As mulheres latino-americanas, principalmente brasileiras e colombianas, integrariam outro 40%, embora com a presença, também, de uruguaias, dominicanas, venezuelanas e, muito ocasionalmente, alguma argentina. Já as africanas, nitidamente inferiorizadas, teriam uma presença menor. Segundo ele:

En los clubs hay alguna que otra nigeriana, pero muy pocas, porque quitan categoría a los lugares, son muy sin cultura, hay dos o tres, porque siempre hay

¹⁰ Segundo Dolores Juliano (2004), na segunda metade de 2003, de acordo com um informe dos *Mossos de Escuadra*, e considerando apartamentos, clubes e ruas, havia em Cataluña 2.876 prostitutas, das quais 17% trabalhavam na rua e 83% em estabelecimentos. Complementando esse trabalho com um relatório e uma estimativa elaborada por uma ONG, chegou-se à conclusão de que 23% dessas prostitutas eram espanholas, 2% de outros países da comunidade europeia e 75% migrantes não comunitárias. Entre elas, 30% seriam subsaarianas, 30% da América do Sul, 30% dos países do Leste, 8% magrebies y 2% de outros países.

¹¹ Em 2002, uma pesquisa contemplando diversas modalidades de prostituição no país Basco estimava a existência de 1780 mulheres oferecendo serviços sexuais (Emakunde, 2002). Em 2004, a Comissão Antisida de Biskaia (o país Basco) atendeu 162 novas/os usuárias/os em um dos seus principais programas, voltado para trabalhadores do sexo e usuários/as de drogas. Entre esses novos usuários, 76% das mulheres eram da América do Sul, **predominantemente brasileiras e colombianas**, majoritariamente trabalhando em clubes (63%) e em pisos (33%) (Comisión Ciudadana Antisida de Biskaia, 2004).

algún cliente al que le gustan las chicas más salvajes. Y en la calle ellas son las que cobran menos.

E, se brasileiras e colombianas ocupam espaço equivalente nos clubes, a grande diferença numérica entre mulheres das duas nacionalidades na Espanha sugere que a inserção no mercado do sexo pode ser uma estratégia relevante de migração para as brasileiras que partem em direção à Espanha.

TRAJETÓRIAS

Las Cortes é um bairro tradicional de prostituição, no centro de Bilbao. Minha acompanhante, que fez programas até o ano passado, me mostra o bairro: “Olha ai, dois africanos. Olha as lojas, são dos mouros. Muitos clubes fecharam. Este já foi um lugar muito bom e olha agora”. De fato, o ar é decadente... Entramos em um clube. Na porta, o segurança, enorme e louro, parece ser russo. Ele deixa a gente entrar sem problema. O clube é escuro, as garotas estão sentadas na barra, algumas em mesinhas contra as paredes. Há mulheres de diferentes nacionalidades, inteiramente vestidas. Este é um lugar no qual as meninas entram e saem, à vontade. É cedo, não há clientes, mas há umas 20 garotas aguardando por eles. Minha acompanhante para ante uma loura e me diz: “ela é brasileira”. Quando me aproximo, e pergunto pelas nacionalidades das outras garotas, ela vai assinalando os grupos. E me dou conta de que estão sentadas por nacionalidade. Colombianas em um canto. As louras do Lês Europeu em outro. As brasileiras estão no fundo. Minha acompanhante me chama para o fundo, junto a outras duas louras, um pouco mais velhas que a primeira garota... São duas irmãs, vieram a Bilbao no início dos anos 90, elas duas e mais uma amiga, que já faleceu. São do Rio Grande do Sul. Trabalhavam em Porto Alegre. A irmã mais jovem, de 35 anos, (a outra tem 38), diz que no Brasil trabalhavam como arrumadeiras, em hotel. Uma delas conseguiu os papéis casando, tem um marido espanhol e continua trabalhando. A outra tem um filho espanhol. Transita entre o Brasil e a Espanha. Poderia conseguir papéis, diz ela, mas não está interessada, quer sair da Espanha... Esta vez leva 3 meses e meio na Espanha, mas está louca para voltar para o Brasil. O serviço está fraco, diz, há poucos clientes, muita concorrência... Elas foram diretamente para Bilbao, não trabalharam em outro país europeu, nem em outra cidade da Espanha. A primeira vez que vieram, foram contatadas no Brasil e, chegando em Bilbao tiveram que pagar a dívida. Pergunto quanto tempo levaram para pagar. A mais jovem diz, “menos de uma semana! Mas, o movimento era muito melhor”. Pergunto quais as nacionalidades mais freqüentes no âmbito dos clubes, em Bilbao. Elas dizem que colombianas e brasileiras. Elas acham que os homens preferem as brasileiras, porque são mais carinhosas, se preocupam mais com eles e, também, porque são mais naturais. Pergunto como. Elas dizem: “olha para a gente!”. A mais velha, que me parece menos atraente, tem o cabelo pintado. A mais jovem, um pouco mais magra, parece tê-lo louro natural. As duas levam maquiagem muito suave, têm bolsas pequenas, estão de calça jeans, blusa de lã e jaqueta e levam sapatos baixos. A mais jovem está de tênis. Elas mostram os pés e dizem: “nos estamos sempre assim”... Segundo elas, as colombianas, não: “usam saltos altíssimos, muita maquiagem, muito ouro e só estão interessadas no dinheiro, só querem tirar dinheiro dos clientes”. Quando saímos do clube com minha acompanhante a inimizade entre brasileiras e colombianas. Achando graça ela diz: “é assim mesmo, não sei porque, mas não ficam juntas de jeito nenhum, que nem gato e cachorro”.

Diário de campo, Bilbao, 12 de novembro, 2004.

O universo de entrevistadas que oferecerem serviços sexuais na Espanha está integrado por mulheres inseridas em modalidades diferenciadas do mercado sexual. Algumas trabalham em clubes, outras na rua.¹² Essas entrevistadas mostram uma ampla diversidade em termos de idade, estados de origem, cor da pele, situação legal, tempo e estilo de permanência no país, inserção no mercado do sexo (incluindo modalidades de prostituição, ritmo e condições de trabalho). Essa diversidade e o fato de ter realizado as entrevistas em diferentes cidades são fatores que incidem na impossibilidade de realizar generalizações tendo como referência esse universo. No entanto, a pesquisa possibilita apresentar um quadro das motivações que levaram essas mulheres a migrar, dos percursos seguidos no processo de inserção na indústria do sexo na Espanha e dos seus projetos de futuro. E, no marco dessa diversidade, mostra sugestivas regularidades em termos da percepção que elas têm sobre as imagens criadas em torno delas.

Nesse universo, as idades das entrevistadas são altamente diversificadas. Algumas, hoje na casa dos 20 anos, ingressaram no mercado do sexo na Espanha recém saídas da adolescência. Outras estão na faixa dos 30 anos. Outras, porém, e essas me surpreenderam, chegaram ao país com mais de 40 anos. A escolaridade dessas mulheres tende a ser relativamente baixa, entre o primeiro grau incompleto e o segundo completo. Nenhuma fez curso superior. Os estados de origem dessas entrevistadas são diversificados: Rio Grande do Sul, Goiás, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Minas Gerais. Contudo, algumas migraram para Espanha depois de terem morado em outros estados, várias, no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

A maioria dessas mulheres já tinha oferecido serviços sexuais no Brasil, algumas de maneira profissional, sobrevivendo exclusivamente da prostituição por um período de vários anos, antes de migrar para Europa. Outras, o fizeram de maneira intermitente, considerado a participação que tiveram na indústria do sexo como algo ocasional. Finalmente, outras fizeram *programas* durante um breve período de tempo no universo frouxamente organizado do turismo sexual no Nordeste do Brasil. Contudo, e independentemente da idade, a inserção no mercado do sexo no Brasil teve lugar após realizar outros tipos de trabalho, no mercado formal ou informal. Foram babás, operárias, arrumadeiras de hotel, garçonetes, professoras, vendedoras, micro-empresárias que, com diversos graus de compromisso familiar, consideravam não ganhar dinheiro suficiente e compensador, em termos dos esforços realizados.

A maior parte dessas entrevistadas migrou com o objetivo de oferecer serviços sexuais e, chegando à Espanha por rotas diversificadas, diretamente em Madri, ou via Paris, dirigiu-se às cidades nas quais tinham contatos (o endereço de um clube fornecido por agenciador, ou por alguma amiga ou conhecida nos casos em que viajaram de maneira inteiramente autônoma). Algumas, contatadas em meios nos quais já ofereciam serviços

¹² De acordo com as informações colhidas, a presença de brasileiras em apartamentos é significativa. No entanto, e apesar dos esforços realizados, não tive acesso à realização de entrevistas com brasileiras inseridas nessa modalidade de oferta de serviços sexuais. Consegui estabelecer contatos telefônicos com duas recifenses de idades diferenciadas que oferecem serviços sexuais em apartamentos: uma na casa dos 20 que, segundo relatos oferecia, conjuntamente com outras jovens nordestinas, serviços sexuais em um apartamento administrado por uma moça de Florianópolis; outra, beirando os quarenta anos.

sexuais para estrangeiros, migraram através do contato com intermediadores vinculados a clubes espanhóis (taxistas nativos ou agenciadores estrangeiros). Parte das entrevistadas, porém, migrou através da inserção em redes femininas de vizinhas, amigas, conhecidas e parentes que já estavam morando na Espanha. Essa observação vale para mulheres e para “trans”. E, nesses casos, o adiantamento de dinheiro, a ser devolvido com juros análogos aos pagos em um clube, a oferta de uma vaga em um apartamento (pela qual se paga um valor superior ao que ela de fato teria) e/ou o apoio para inserir-se em pontos na rua, são lidos como “ajuda”. Esse tipo de “ajuda”, porém, está longe de restringir-se a migrantes brasileiras e à inserção na indústria do sexo. Algumas dessas práticas são correntes entre migrantes de diversas nacionalidades e de diversas origens sociais, inclusive, entre estudantes universitários. A migração para inserir-se no mercado do sexo envolve muitas vezes redes quase familiares, análogas às de outros migrantes latino-americanos, de brasileiros em outras partes do país e, no passado, de migrantes internos, do Norte e Nordeste do Brasil para o Sudeste do país. No entanto, estas redes são basicamente femininas, e amigas e vizinhas se adicionam aos laços familiares.

Entre as entrevistadas há também mulheres que migraram com o objetivo de prestar outro tipo de serviço e optaram por mudar de setor de trabalho uma vez morando na Europa, avaliando que poderiam obter maiores recursos financeiros inserindo-se na indústria do sexo. O deslocamento entre outra atividade no setor de serviços e a prostituição é uma possibilidade que, nos relatos, aparece como permanentemente aberta e tentadora. Compreender essa sedução exige considerar a dificuldade para obter emprego enfrentada pelos migrantes ilegais e o grau extremo de exploração ao qual são submetidos quando o obtém.¹³ Nesse marco, os “chamados” para ingressar na indústria do sexo resultam sedutores inclusive para as mulheres que não estavam nela imersas no Brasil.

Entre essas mulheres, as que estão de maneira legal na Espanha obtiveram os “papéis” através do casamento com espanhóis, clientes ou não, as outras estão ilegais. Entre essas últimas algumas lutam contra as “cartas de expulsión” há anos, outras passam uns meses na Espanha e retornam ao Brasil para regressar novamente à Espanha. A comparação entre a dinâmica do mercado do sexo e os ingressos dele derivados no Brasil e na Espanha as conduzem de volta a esse país.

As rendas que declaram receber pelos serviços sexuais, diversificadas, são superiores aos 2.500 euros por mês. Embora o trabalho na rua seja considerado de um nível “inferior” à prostituição que tem lugar em clubes, as diferenças na renda estão aparentemente associadas mais à maturidade e capacidade de administrar o dinheiro do que ao fato de trabalhar na rua ou em clube. Aliás, as preferências por uma ou outra modalidade de prostituição são variadas. Entrevistadas mais jovens preferem trabalhar nesses

¹³ Em 2004, um espanhol com baixo nível de escolaridade ou um migrante legal no setor de serviços, em Barcelona, recebia entre 6 e 8 euros por hora, enquanto um migrante ilegal (independentemente de seu grau de escolaridade) recebia aproximadamente a metade (Juncks, 2004). Essa diferença obriga os ilegais a trabalhar durante jornadas extenuantes para poder sobreviver, enviar dinheiro para o Brasil (o que todas as entrevistadas fazem) e/ou poupar dinheiro para investir no Brasil ou para retornar ao país.

estabelecimentos devido a um certo clima de diversão e à possibilidade de sociabilidade com outras garotas das mesmas idades e consideram as condições de trabalho adequadas. Ao contrário, mulheres mais velhas que já passaram por clubes preferem a rua, no período diurno. Segundo elas, apesar de cobrarem por um programa quase a metade do que se cobra em um clube (30 euros em lugar dos 60 que se paga por meia hora em um clube), seus rendimentos são equivalentes aos que obteriam em um clube, porque é exclusivamente para elas, só que em condições de trabalho que consideram melhores.

Assim como os migrantes brasileiros inseridos em outros setores do mercado de trabalho ao redor do mundo (Assis, 2004), estas migrantes mantêm estreitos laços com o Brasil. A comunicação telefônica é intensa, as visitas ao Brasil, no caso das que têm “papéis”, é freqüente. E também o é a circulação de parentes, irmãs, primas. Parte substantiva dessa comunicação se exprime nessas remessas que são expressão de carinho e, simultaneamente, da obrigação criada pelos laços de parentesco. Essas remessas são enviadas ao Brasil via agências de câmbio particulares (jamais um banco brasileiro), em valores que oscilam entre os 100 e 1500 euros mensais, para sustentar filhos, mães, sobrinhos, cobrindo os gastos mais variados: telefone, gás, material escolar, até a mensalidade da faculdade e para investimentos diversificados no país. E, se as condições econômicas são determinantes para a inserção dessas entrevistadas no mercado do sexo na Espanha, isto não significa necessariamente aludir a uma situação miserável no Brasil. Trata-se, sobretudo, da falta de possibilidade que elas sentem em termos de traçar um futuro, em termos econômicos, para elas e para seus descendentes.

Entre essas mulheres, os projetos elaborados no traçado desse futuro são diversificados, mas, tendem a estarem associados ao retorno ao Brasil, realizando sonhos que mostram dimensões diferenciadas em termos de ambição. Com esses objetivos, as entrevistadas enfrentaram as dificuldades de adaptação, de aprendizagem da língua, de procura de moradia, da distância cultural que algumas percebem ser colocada pelos espanhóis e, sobretudo, as espanholas e os migrantes de outras nacionalidades e da (difícil) relação com as estrangeiras com as quais disputam clientes no mesmo mercado.

Comparando contextos

Visito o representante da Asociación de los Clubs de Alterne em Barcelona. Ele me recebe em um apartamento impressionante, enorme, em estilo modernista, cheio de obras de arte: pinturas, esculturas. O lugar e ele, que é advogado, cheiram a dinheiro e requinte. Conversamos sobre o lugar das brasileiras nos Clubs. Na visão dele, constituem um grupo significativo, mas é mais um entre outros. Comento com ele as diferenças entre o quadro que está começando a ser traçado ante mim na Espanha e os resultados do meu trabalho com turismo sexual no Brasil. Ele reflete um instante e logo diz:

“Es que los que van a turismo sexual a Brasil están buscando brasileñas que son mujeres por naturaleza sensuales, cariñosas”

Pergunto se ele acha que as brasileiras são, de fato, assim. Ele me diz:

“Si, yo las he probado! La española tiene una actitud, así, yo soy igual que el hombre. La brasileña, no, la brasileña es cariñosa. Pero aquí, el cliente quiere el mejor rendimiento en el menor tiempo, y, en ese sentido, las mujeres del Este

Europeo tienen más salida, porque son mucho más profesionales. En Brasil es más una cuestión de naturaleza.

Diário de Campo, Barcelona, 4 de novembro, 2004

Considerar como corporalidade e gênero se integram na “concorrência” por clientes exige pensar como as convenções de erotização que marcam a brasilidade adquirem conotações particulares na Espanha e em nichos específicos do mercado do sexo nesse país. Uma leitura comparativa da maneira como esses jogos de categorias são corporificados em um contexto de turismo sexual no Brasil oferece elementos para pensar nas especificidades dessas convenções. E vale observar que no âmbito do turismo sexual internacional, o Brasil, conjuntamente com Colômbia, tem um lugar de destaque na América do Sul, (Cuba e República Dominicana são os destinos considerados mais atraentes no Caribe) e é freqüentado por turistas sexuais europeus de diversas nacionalidades, incluindo espanhóis (Piscitelli, 2005).

No contexto brasileiro, no qual os relacionamentos são atravessados por distinções que adquirem sentido no marco de hierarquias relacionadas com a localização estrutural das nacionalidades em jogo, os corpos são produzidos na imbricação de noções de feminilidade e masculinidade vinculadas à origem nacional, raça, classe e idade, em processos nos quais as mulheres nativas, tornadas exóticas, são intensamente sexualizadas e os estrangeiros são considerados a corporificação dos estilos mais valorizados de masculinidade. Neste marco, os processos de exotização das mulheres nativas, fortemente marcados pela procura de “autenticidade” (em termos de sexualidade e de feminilidade) em viagens aventureiras a lugares distantes se expressam na produção de imagens corporais claramente delineadas, em termos de formas, traços faciais e tipos de cabelo positivamente valorizados, percebidos como altamente atraentes, animados por estilos de feminilidade tidos como tradicionais e, simultaneamente, por estilos de sexualidade intensos, marcados pela cor morena.

Neste contexto, o clima de erotismo perpassando estes relacionamentos, longe de estar associado a práticas sexuais necessariamente pensadas como extremas, “anômalas” ou com ares de tabu, é produzido por uma combinação entre noções de intensidade sexual e transgressões situadas em outros planos. A intensidade é associada à disposição para o sexo, que singularizaria as brasileiras no marco do turismo sexual internacional, uma disposição que se expressa em qualquer prática sexual, até as mais banais, por exemplo, nos estilos de beijar. A transgressão está associada às possibilidades abertas pelo turismo sexual, em termos de relacionamentos sociais e sexuais, seja da procura de um prazer inteiramente desvinculado de investimentos afetivos, ou, ao contrário, unindo o prazer sensual aos sentimentos, realizando o duplo movimento de introduzir a extrema “paixão carnal” na conjugalidade, interrompendo, ainda, convenções homogâmicas e homocromáticas.

Nesse universo, as técnicas corporais desenvolvidas pelas mulheres nativas reiteram (dentro e fora dos limites das práticas especificamente sexuais) a idéia de sensualidade, cor (o ser “morena”) e um saber sexual específico vinculado à intensa sexualização que, a elas

atribuídas pelos visitantes estrangeiros, fazem parte das imagens sobre o Brasil, construídas fora (e dentro) do território nacional.

Nos processos migratórios de nativas que supostamente corporificam a “sexualidade tropical” para os países do Norte, porém, as imagens corporais e práticas sexuais envolvidas no consumo sexual não se mantêm estáveis. Nesse deslocamento de contextos, as convenções permeando a corporalidade são re-significadas, atingindo de diversas maneiras as brasileiras que se inserem no mercado do sexo na Europa, em países cujas relações históricas com o Brasil são diferentes.

É possível afirmar que na Espanha, assim como em outros países da Europa o Brasil está “na moda”.¹⁴ Todavia, a visibilidade do Brasil e a integração da brasilidade na conformação das convenções corporais e eróticas aparece de maneira mais diluída que em outros países, como a Itália, também emissores de turistas sexuais para o Brasil (Piscitelli, 2004,c). Uma breve comparação entre Milão e Barcelona mostra que o número de restaurantes e bares étnicos brasileiros, a incidência do país na culinária, na moda e na prestação de serviços corporais em sentido amplo (aulas de dança, samba-terapias, capoeira) é visivelmente mais intensa na cidade italiana. Em ambos locais noções de sensualidade vinculadas à brasilidade se integram nas convenções eróticas. No entanto, se na Lombardia as brasileiras aparecem, entre as latinoamericanas, como privilegiadas por essa vinculação, na Catalunha, essa relação, parece apontar, sobretudo, para “morenas” das ex-colônias espanholas, com destaque para cubanas e colombianas.

No caso da inserção na indústria do sexo, na Espanha, essas imagens corporais são recriadas no marco de uma intensa concorrência entre estilos de corporalidade, na qual as convenções eróticas predominantes indicam o privilégio do “profissionalismo” sobre a “sensualidade natural”. A disputa se estabelece entre mulheres de diferentes continentes e também entre as latino-americanas, principalmente as colombianas, oferecendo serviços sexuais nos mesmos espaços que as brasileiras (seja em clubes, ou na rua). O diálogo estabelecido em uma entrevista realizada com um cliente espanhol de 44 anos que, após sua separação, frequenta uma vez por mês os *puticlubs* (*clubs de alterne*) e ocasionalmente consome serviços sexuais nas estradas, dá uma idéia dos critérios de seleção a serem enfrentados:

Entrevistado: ... me he separado y esto, quizás decepcionado con chicas así en cuanto al amor, porque se acaba el amor siempre, que todas las parejas se rompen al final y me da pereza comenzar nada... y no quiero abandonar mi vida sexual... Voy siempre al mismo lugar, en Terrazas,... los precios? 60 euros... allí hay de todos los colores, desde rusas, belgas o rumanas, y rubias hasta negras, deben ser africanas o de Brasil. Yo he estado con una brasileña... pero qué mas, brasileñas, de Ecuador, de cualquier país. Lo que menos hay, lo que no ves son españolas... Muy provocativas. Están con una tanga de estas y una minifalda... Algunas rusas de

¹⁴ Ver: “Itália-Brasil. Cores da bandeira brasileira estampam cintos, braceletes, calças, camisetas e calcinhas. Roma veste verde-amarelo no verão”, *Folha de São Paulo*, 23/08/2004, e “Viva o Brasil”, *Elle*, Itália, junho 2004.

estas o rumanas que miden 1, 80 y de arriba pues igual provocativas, se ven muy arregladas y así... y ellas siempre vienen a disputar los clientes no?... Hacen grupos ahí entre ellas eh? Y... y viene una agarrando la pierna, si estas sentado se te monta aquí o te quiere coger la mano para ponerte caliente...

Adriana: Cuéntame, con chicas de qué nacionalidad estuviste?

E: Pues seguro, seguro con una rumana, una rusa, albanesa, ecuatoriana, de Bolivia, de Venezuela, morenas así son estas chicas, brasileña, Argentina...

A: Cómo las eliges?

E: Yo?... por impulso. Yo estoy mirando ahí y la que vea que me gusta, me hace tilín, esta... Hay mujeres guapas de todas las etnias, nacionalidades y edades, mujeres guapas y que te gusten para el sexo... A mí me pone como nervioso al principio, algo hay que me tiene allí un poco intranquilo, no estoy totalmente tranquilo...

A: Qué es lo que te pone nervioso?

E: La inminencia del acto sexual... Sabes? pum, media hora que tienes. Esa inminencia de tener que hacerlo en esa media hora...

A: Encontraste alguna diferencia en relación a la nacionalidad de las chicas?

E: ... que va, son todas iguales, al final es todo igual. Al final todo es caricias, felación y penetración. A la hora de elegirla sí, a ver la mas bonita. Después no quiere decir ni que lo haga mejor, ni que esté más buena... Y algunas son más profesionales que otras, gustan más, a la hora de la verdad, de practicar sexo. Yo valorizo el profesionalismo. La nigeriana no era nada profesional, tal vez porque para ella follar sea más natural. Las del Europa del Este son más profesionales.

Contudo, é importante levar em conta a heterogeneidade de clientes circulando pelos diversos nichos de prostituição. De acordo com as entrevistadas, os clubes tendem a ser freqüentados por espanhóis e também por clientes de outros países europeus, de classe média e de diversas idades. Segundo elas, na rua os clientes espanhóis tendem a ser muito mais jovens (na casa dos 20 anos) ou bem mais velhos (de 60 ou mais anos). De acordo com uma brasileira que trabalha neste setor, em Barcelona:

Tenho clientes de 18, de 20. Até 90. No Brasil poucos velhos vão foder, mas aqui... Esses de 80, 90 eles querem carinho. Porque o homem, ele não vem só para foder, entendeu? Às vezes você pega um homem de 90 anos... Eu tinha um senhor que eu ria muito dele porque ele chegava: Ah, vamos fazer amor?. E eu dizia: Mas vamos fazer por delante e por traz hoje.

Além disso, de acordo com as entrevistadas, tende a tratar-se de homens de menores recursos que aqueles que freqüentam os clubes. Entre eles se contam migrantes de diversas origens: africanos (geralmente marroquinos) e estrangeiros de diversos países pobres: Argélia, Índia, Paquistão, Polônia.

Os gostos atribuídos a essa clientela diversificada mantêm relações com os estilos corporais das brasileiras recrutadas ou aceitas no trabalho em um outro segmento do mercado sexual. Uma morena originária de Natal, de 24 anos, esguia, de cabelo liso e enormes olhos negross, que ingressou no trabalho nos clubes de Bilbao aos 18 anos, explica qual é o tipo físico selecionado, nessa região do Brasil, para esses espaços:

O taxista foi lá e tirou o passaporte com a gente... e ligou para a gente e disse quando chegou a passagem... Éramos três, mas viemos duas porque minha prima, afinal, como era um pouco gordinha, eles desistiram e mandaram só duas, porque éramos magrinhas, morenas.

Neste universo povoado por estrangeiras de diversas nacionalidades, a cor, contudo, morena ou *branquinha* aparece como um adereço a mais, sem ser determinante nas escolhas, à exceção da negritude, que tende a ser rejeitada. Nesses casos, porém, o racismo tende a ser encoberto por atribuições culturais. As nigerianas são rejeitadas, em diversos espaços, enquanto nigerianas e, portanto, selvagens, e não necessariamente enquanto negras. Esse primitivismo é tido como expressando-se em uma produção corporal na qual os cortes no corpo e a ablação genital não se adequam aos padrões eróticos. E, portanto, o que se rejeita é essa dissonância, associada à nacionalidade, e não a cor da pele. Essa vinculação entre racismo e nacionalidade é claramente percebida pelas trabalhadoras do sexo. Nos termos de uma mulata cor de chocolate claro, com olhos verdes, efeito produzido pelo uso de lentes de contato e longuíssimos cachos dourados criados mediante a utilização de extensões, extremamente cálida:

Aqui, o racismo é diferente que no Brasil, não passa por cor, mas por nacionalidade. Há lugar no qual equatoriano não pode entrar, não importa se mais claro ou mais escuro, ou mouro não pode. Já se é brasileiro, é difícil ter problema. Eles gostam do Brasil, está na moda. Ronaldinho. Carlinhos Brown. Europeu gosta de morena, mas o que mais gostam em mim, como em outras brasileiras, é que sou carinhosa e alegre.

Além da gordura, a idade parece operar como fator que interfere no trabalho nos clubes. Este aspecto é registrado por brasileiras que, após terem deixado o mercado do sexo no Brasil e passado por experiências nos clubes, na Espanha, optaram pelo trabalho na rua. Para elas, precisamente, a idade, considerada “avançada”, no Brasil, estava tornando-se um empecilho para ganhar dinheiro no país mediante a oferta de serviços sexuais e apareceu como obstáculo também nos clubes espanhóis que visitou. De acordo com uma entrevistada de 48 anos, originária de Minas, loura, de olhos verdes, pele muito clara e esticada com botox, cadeiras largas e nádegas volumosas, que trabalha na rua, no período diurno, na região do Raval, em Barcelona:

Tinham me dado um endereço aqui... em La Coruña, Galícia. Só que é tudo clube. E mulher com mais idade aqui não ganha dinheiro dentro de clube. Quando eu cheguei, vi o ambiente e falei: Isso aqui eu não ganho dinheiro, muita menina nova. Aqui onde eu trabalho tem mulher de 70 anos... No Brasil, os homens têm aquela mentalidade da mulher novinha de 18 anos, 20 anos. Na Europa não, entende? Aqui é totalmente diferente. Se você tiver 70 anos você ganha dinheiro... Arruma marido também... Porque os brasileiros não gostam de mulher mais velha... Nem de graça... Eu não sei porque quando eu chego no Brasil eu me sinto tão velha. Porque parece que eles fazem a gente de velha. Não é? Aqui não.

No marco da disputa por clientes e realizando trabalhos tarifados de acordo com períodos de tempo breves (30 minutos), nos quais a técnica tende a ser particularmente valorizada, na percepção dessas entrevistadas, se algum aspecto interfere a favor delas na inserção no

mercado de sexo espanhol é, sobretudo, o temperamento alocados a seus estilos de feminilidade. Essa percepção está presente em trabalhadoras do sexo de diferentes idades, trabalhando em clubes ou na rua. Entre as que trabalham em clubes uma certa valorização estética que exclui a gordura é tida como um trunfo, em detrimento de outras concorrentes latino-americanas, particularmente as colombianas. Descrevendo as relações entre nacionalidades em um clube no qual trabalhou, a jovem entrevistada de Natal explica:

Venezuelanas tinha menos. Tinha mais colombianas e brasileiras. E tinha sempre aquilo de brasileira num canto, venezuelana em outra, colombiana em outro, africana em outro, sabe?... Era tipo um enfrentamento. As brasileiras não gostam das colombianas... Era elas que tinham problema com a gente... ia gerando conflito entre brasileiras e colombianas... Os homens, acho que, preferem as brasileiras... Eu acho que é dito por todos, que são mais carinhosas, mais divertidas, dizem. E que mais? Que são mais magrinhas, dizem que as colombianas, tem muitas gorditas.

As entrevistadas que desempenham suas atividades na rua assinalam que as preferências dos clientes não estão ancoradas necessariamente de aspectos estéticos, nem vinculados à cor. De acordo com uma baiana de 42 anos que trabalha na região do Raval:

Há jovens muito bonitas, realmente, cada menina que tem aí... para Barbie só falta a caixa. Porque realmente são bonitas de cara, de cabelo, de corpo, de tudo. A maioria são da Romênia. Mas, aqui eles [os clientes] não tem preferência de nada, nem de idade, nem de cor, nem de nada. A preferência deles é que a mulher seja carinhosa e trate eles bem e seja limpa. Às vezes querem jovens... Os homens velhos...Acho que cinquenta por cento deles eles sempre ficam mais com a gente. Porque acho que eles se realizam mais...

Essas escolhas tampouco aparecem associadas a um domínio específico das brasileiras em termos de práticas sexuais. De acordo com a trabalhadora sexual de Minas:

[as outras] por exemplo, para o homem gozar na boca delas sem camisinha, não passa nada, normal. E brasileira já não faz isso... Há essas diferenças. E aí os espanhóis gostam muito dessas anarquias de querer gozar na boca e não sei o que, que passa a língua no cu... A gente não faz. Só que tem o outro lado, que a gente é mais carinhosa com os homens, é amável.

A idéia de serem singularizadas enquanto brasileiras em termos de um temperamento carinhoso, alegre (com especial inclinação a brincadeiras e risos), bondoso, tranqüilo, no sentido de evitar brigas, e de simpatia, é recorrente entre umas e outras entrevistadas.

Confrontando as percepções dessas trabalhadoras do sexo com as dos consumidores cabe perguntar-se sobre o alcance do privilégio que a atribuição deste temperamento outorga em relação às concorrentes. Contudo, o que me interessa destacar aqui é que nessas percepções o temperamento aparece em destaque em um marco no qual a suposta superioridade concedida à brasilidade em termos de sensualidade, sexualidade e da valorização da cor (morena) se tornam secundários.

CONCLUSÃO: EXOTISMOS EM CONFRONTO?

À luz do material analisado é possível afirmar que as convenções de erotismo envolvendo a brasilidade adquirem conotações particulares em contextos diferenciados, no âmbito da transnacionalização do mercado sexual. As imagens corporais produzidas nesses contextos são identitárias, marcadas pela nacionalidade. No entanto, as categorias utilizadas nessa construção e o peso a elas concedidas são diferenciados, revelando a adequação a diversos mercados e aos seus nichos específicos.

As imagens corporais produzidas no marco da inserção no mercado do sexo espanhol acionam imbricações entre categorias que se diferenciam daquelas presentes em contextos de turismo sexual internacional, no Brasil. Por sua vez, as imagens corporais produzidas em nichos médios e nos mais baixos desse mercado variam em função de entrecruzamentos diferenciados entre idade e padrões estéticos que não deixam de incluir a cor. Contudo, e de maneira aparentemente paradoxal, no marco da concorrência com a oferta de serviços sexuais de mulheres de numerosas nacionalidades, a marca mais intensa percebida pelas entrevistadas inseridas em espaços vinculados a uns e outros nichos remete a um estilo de feminilidade no qual a nacionalidade se expressa em traços de temperamento singularizados por aspectos que remetem à alegria e afetuosidade, mas que distam de serem particularmente sexualizados e/ou marcados pela cor.

No que se refere à articulação da classe social com essas categorias, a inserção destas brasileiras no mercado do sexo espanhol, assim como a análise do turismo sexual no Brasil, mostram a necessidade de outras categorias para pensar nas distribuições desiguais de poder que permeiam essas relações. A noção de localização, como marco estrutural no qual situar as desigualdades vinculadas às nacionalidades em jogo é relevante para pensar estas interações. No caso das trabalhadoras sexuais migrantes, o posicionamento é ainda mais frágil devido à explícita vinculação à prostituição (muitas vezes camuflada ou inexistente, no caso do turismo sexual no Brasil) atividade altamente estigmatizada na Espanha. Na percepção das entrevistadas, mais estigmatizada ainda que no Brasil. De acordo com uma delas:

Aqui é muito diferente do Brasil. No Brasil, se sabe que quem está nisso é porque precisa. Mas, as mulheres vivem para a família, trabalham para sustentar filho, irmãos. Aqui, quem está na prostituição e é espanhola, é para manter vícios. Droga, jogo, máquinas traga perras. E, no fundo, acho que há algo de verdadeiro nisso. Quem nasce na Europa não precisa se prostituir, pode fazer qualquer outra coisa. Já no Brasil, não.

Essa fragilidade é acentuada nos (muitos) casos nos quais as trabalhadoras do sexo são migrantes ilegais. No entanto, em termos de renda, os rendimentos mensais dessas entrevistadas, particularmente das que trabalham na rua recebendo clientes de menores recursos, podem ser superiores às de seus clientes.

Que relação tem a noção de exotismo com a produção de imagens corporais das brasileiras neste contexto? E que sentido tem, neste marco, pensar em concorrências entre exotismos?

De acordo com a literatura sócio-anropológica, a idéia de exotismo é um elemento simbólico-interpretativo que possibilita aos membros de um grupo social compreender outro grupo social percebido como diferente. No entanto, especificar as dimensões semânticas dessa idéia não seria suficiente: seria necessário, também, especificar suas implicações políticas (Foster, 1982). Esta noção de exotismo integra aspectos assinalados em discussões já clássicas sobre a questão. Problematizando as relações entre exotismo, colonialismo e antropologia, analisando o espírito vitoriano permeando a visão imperial do mundo pelas metrópoles e explicitando que o colonialismo não é apenas expansão e dominação econômica, mas também dominação e etnocentrismo cultural, Leclerc cita a Berque. Este autor, na década de 1960, chamava a atenção para a relação entre o processo de tornar o Outro “exótico” e a impossibilidade em perceber a “interioridade real” das culturas, característica da visão imperial. Segundo Berque, essa visão não seria pura e simples negação dos “outros”: a diversidade cultural seria convertida em algo a ser degustado... “explorar apenas o outro é pouco. É necessário ainda saboreá-lo como tal.” (Leclerc, 1973)

Kamala Kempadoo (2000) observa que levar em conta essas implicações políticas permite compreender como o Outro racial, étnico ou cultural é dotado de aspectos românticos sem deixar de perceber a opressão e exploração que têm lugar no processo de tornar os outros Exóticos. O exotismo valoriza povos e culturas remotos, alimentando a ilusão de admiração e atração pelo Outro. No entanto, tratar-se ia de uma forma diferenciada de racismo que não deixa de situar a Alteridade em um lugar inferior. Analisando os processos contemporâneos por meio dos quais a Alteridade é tornada exótica, a autora chama a atenção para sua singularidade. No Caribe, os processos atuais que tornam o Outro exótico apresentariam alterações em relação aos que tiveram lugar no passado, centrados particularmente na sexualidade das mulatas. Esses processos ainda existem. Mas, no final do século XX, intimamente vinculados a movimentos econômicos e culturais globalizantes, eles atravessam procedimentos de dominação, ampliando o leque de sexualidades racializadas, incluindo as corporificadas por pessoas de pele considerada clara e cabelo liso.

Essas observações possibilitam oferecer elementos para pensar como outras imagens corporais tais como as de mulheres *branquinhas* do Leste Europeu e as louras brasileiras são racializadas nesses processos. Essas formulações são, também, adequadas para pensar nas dinâmicas que envolvem as viagens de turistas à procura de sexo para o Brasil. A idéia de exotismo, que faz parte do universo êmico desses viajantes, refere-se a uma exacerbação da diferença e está intimamente ligada ao erotismo – e vale assinalar que essa vinculação tem uma longa história nos relatos de viagem “ocidentais”, nos quais as viagens aos países do Sul são consideradas uma fonte de liberdade erótica (Edwards, 2001). Construída através de procedimentos nos quais a alteridade é delineada mediante distinções inseridas em nítidas relações de desigualdade, essa atração pode adquirir conotações de verdadeira fascinação. E se a “diferença” é apresentada como um fator de atração, ela também é capaz de repelir, quando certas características corpóreas, tais como a cor, são percebidas como expressão extrema da alteridade. Mas, essas “trocas,” longe de serem apresentadas apenas como sexo de fácil acesso, são valorizadas em tanto expressão

de “viagens” (que se distanciam do turismo de massa), da possibilidade de contato com a “autenticidade”, de contato “real” com o outro (Piscitelli, 2002)

O material analisado sugere, porém, que a transformação da diferença em exotismo se dilui no marco da inserção das brasileiras no mercado do sexo na Espanha. Em contextos marcados pela extrema mercantilização, a diferença, longe de ser exacerbada e, simultaneamente, romantizada/valorizada é quase banalizada. Em âmbitos onde as convenções do erotismo são regidas pela lógica do mercado, nos quais a excitação está associada à possibilidade de escolher entre inúmeras marcas diferentes de um mesmo produto (mas, em definitiva o mesmo produto) e os critérios de seleção sugerem o privilégio da “eficácia” no menor tempo possível, a “sensualidade natural” vinculada à cor (morena), esvaziada de valor, se desloca, ocupando um lugar secundário. E a força do exotismo parece desvanecer-se na valorização da variedade.

BIBLIOGRAFIA

AIDOO, Ama Ata; ACOSTA-BELÉN, Edna; BASU, Amrita; CONDÉ, Maryse; PAINTER, Nell; SAADAWI, Nawal El: "Feminists speak on feminism, race and transnationalism", *Méridians: feminism, race, transnationalism*, 2000, vol I, n° I, pp. 1-28.

ALEXANDER, M. Jacqui: "Not just (any)body can be a citizen: The politics of Law, Sexuality and Postcoloniality in Trinidad and Tobago and the Bahamas" IN: *Feminist Review*, n° 48, autumn 1994, pp 5-23.

ALTMAN, Dennis: *Global Sex*. The University of Chicago Press, 2001

AMBROSINI, Maurizio: *Comprate e vendute. Uma ricerca su tratta e sfruttamento di donne straniere nel mercato della prostituzione*. Caritas Ambrosiana, Milão, FrancoAngeli, 2002.

ANDALL, Jacqueline Introduction: The Space Between – Gender Politics and Immigration Politics in Contemporary Europe, in ANDALL, Jacqueline, ed: *Gender and Ethnicity in Contemporary Europe*. Berg, Oxford, 2003.

ANDALL, Jacqueline: "Cape Verdean Women on the Move: Immigration Shopping in Italy and Europe, *Modern Italy*, 4 (2): 241-257.

ANTHIAS, Floya: "Metaphors of home: gendering new migrations to Southern Europe", in: ANTHIAS, Floya e LAZARIDIS, Gabriela: *Gender and Migration in Southern Europe, Women on the Move*. Oxford, Berg, 2000.

APPADURAI, Arjun: *Modernity at large. Cultural Dimensions of Globalization*. University of Minnesota Press, 1996

APPIAH, Anthony R: "Foreword", in SASSEN, Saskia: *Globalization and its discontents. Essays on the new mobility of people and money*. The New Press, Canada, 1998.

ASSIS, Gláucia de Oliveira: (2004) "De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros", Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp.

Boletim Estadístico de Extranjería y Inmigración, Madrid, (n°3, 2004)

CECRIA: Projeto de Pesquisa: "Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual no Brasil", Brasília, 2000.

COLECTIVO IOE (con la colaboración de Laura Agustin): *Mujer, inmigración y trabajo*, Editorial Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Madrid, 2001.

COMISIÓN CIUDADANA ANTISIDA DE BIZKAIA: (2004) *Programa de educación para la salud para personas que ejercen la prostitución (PEP)*, Bilbao, mimeo.

CORRÊA, Mariza: A invenção da mulata. *Cadernos pagu 6-7, raça e gênero*, 1996.

DIAS DUARTE, Luiz Fernando 2004: "A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções", in: *Sexualidades e Saberes, convenções e fronteiras*, editora Garamond, Rio de Janeiro, 2004.

DIAS FILHO, Antônio Jonas: *Fulôs, Ritas, Gabrielas, Gringólogas e Garotas de Programa. Falas, práticas, textos e imagens em torno de negras e mestiças, qu apontam para a construção da identidade nacional, a partir da sexualidade atribuída à mulher brasileira*. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

- EDWARDS, Justin D. *Exotic Journeys. Exploring the Erotics of U.S. Travel Literature, 1840-1930*. University Press of New England, 2001
- EMAKUNDE, INSTITUTO VASCO DE LA MUJER: (2002) *La prostitución ejercida por las mujeres en la C.A.P.V. Vitória, Gasteiz*.
- EMRICH PINTO, Glycia: *Esculturas em bronze: Gênero e sexualidade nas propagandas turísticas voltadas para o público brasileiro*. Primeiro relatório apresentado ao PIBIC. Graduação em ciências sociais, IFCH, 2005.
- FOSTER, Stephen William: "The exotic as symbolic system", *Dialectical Anthropology*, September, 1982, vol 7, n°1,
- FRY, Peter: "O que a cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil", *Revista USP*, n°28, dezembro/janeiro, fevereiro 95-96, pp - 122-136.
- KEMPADOO, Kamala : "Introduction": in: KEMPADOO, Kamala, e Doezema, Jo, *Global sex workers, Rights, Resistance, and Redefinition*. Routledge, 1998.
- KEMPADOO, Kamala, *Sun, sex and gold*. Routledge, 1999.
- KEMPADOO, Kamala: "Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean", Paper presented to the International Symposium "O desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe", Salvador, Brazil, 2000,.
- LAMBECK e STRATHERN, Andrew: Introduction, in: STRATHERN, Andrew: *Bodies and persons, Comparative perspectives from Africa and Melanesia*. Cambridge University Press, 1998.
- LECLERC, Gérard: *Crítica da Antropologia*. Editorial Estampa, Lisboa, 1973.
- NAGEL, Joane: *Race, ethnicity and sexuality. Intimate Intersections, Forbidden Frontiers*. Oxford University Press, 2003.
- PHIZACKLEA, Annie: "Gendered actors in migration", in: ANDALL, Jacqueline, ed: *Gender and Ethnicity in Contemporary Europe*. Berg, Oxford, 2003.
- PISCITELLI, Adriana: "Buenos Aires, versus Rio", no prelo nos *Anais do Primeiro Congresso Latinoamericano de Antropología*, Rosario, 2005 (b)
- PISCITELLI, Adriana: "Viajando se conoce gente": percepción de las mujeres de América del Sur en el mercado transnacional de consumo sexual, in *Anales del X Congreso de Antropología, Culturas, poder y mercados, Sevilla, España*, 2005 (a)
- PISCITELLI, Adriana: "Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina", in: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA SERGIO: *Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004(a).
- PISCITELLI, Adriana: On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, 2004, (b).
- PISCITELLI, Adriana: Sexo Tropical em contextos do Primeiro Mundo?: gênero e migração no contexto da transnacionalização do mercado sexual." Texto apresentado na Mesa redonda; "gênero, viagens e migrações contemporâneas". Encontro: Fazendo Gênero 6 Saberes Globais/Fazeres Locais, Florianópolis, 11 de agosto, 2004 (c).
- PISCITELLI, Adriana: "Exotismo e autenticidade. Relatos de viajantes à procura de sexo", *Cadernos PAGU*, n° 19, UNICAMP, Campinas, 1996.

PONS, Ignasi: (2003) *Condicions de treball en la nova indústria de la prostitució: els clubs d'alterne*. Barcelona, Universitat de Barcelona.

PONTES, Luciana: Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos PAGU*, 2004 (23), *cara, cor, corpo*, pp. 229, 257.

SAVIGLIANO, Marta: *Tango and the political economy of passion*, Westview Press, Boulder, 1995.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. Tráfico de mulheres no universo de deportadas e não admitidas que retornam ao Brasil via aeroporto de Guarulhos. Relatório final de pesquisa, Brasília, 2005.

SPIVAK, Gayatri: *Interviews, Strategies, Dialogues*. Routledge, New York, 1990

TERRON, Ana: (2004) Migraciones y relaciones con países terceros. España. Documento do CIDOB, Migraciones, n2, julio.

THORBEEK, Susanne & PATTANAIAK, Bandana: *Transnational prostitution. Changing global patterns*. Zed Books, 2002.

REVISTAS E JORNAIS

"Itália-Brasil. Cores da bandeira brasileira estampam cintos, braceletes, calças, camisetas e calcinhas. Roma veste verde-amarelo no verão", *Folha de São Paulo*, 23/08/2004

"Viva o Brasil", *Elle*, Itália, junho 2004.